

Alice Brito

**A noite passada**



## Índice

### PRIMEIRA PARTE

Por aqueles dias...	13
No Chiado	19
Mulheres honestas	25
No Bairro da Conceição	31
A força do destino	39
O Grande Salão Recreio do Povo	45
As aias da rainha	51
Vida, estrelas e alma	59
Marteladas	65
No Outão	73
Vidas	81
Um erro de <i>casting</i>	91
Um <i>Fiat 600</i>	103
Dactilografias	113
O futuro	121
<i>Música no Coração</i>	127
O carteiro	135
A mana	143
O amor é um pássaro verde	151
Lenços brancos	161

Deus e o Diabo . . . . .	167
Frequências . . . . .	175
Revelações . . . . .	181
A morte saiu à rua . . . . .	187
No vício da espera. . . . .	197
Paleio de pequeno-burguês. . . . .	205

SEGUNDA PARTE

Deus . . . . .	215
O dia seguinte . . . . .	226
Festins. . . . .	235
No Tamar . . . . .	241
Fugas. . . . .	251
Os <i>Optalidon</i> . . . . .	259
Provocações. . . . .	263
Fantasmas. . . . .	273
Pouca roupa. . . . .	279
Eisenstein . . . . .	285
Reunião na Câmara . . . . .	291
Gente de confiança . . . . .	297
24 de Novembro . . . . .	305
Crocitar. . . . .	311
Três dias . . . . .	317
Um pifo e uma ganza . . . . .	323
Boas notícias . . . . .	331
Epílogo . . . . .	335

## Primeira parte



Pelas grandes antenas novas  
dos velhos tempos  
Se não conhece nada.

BERTOLT BRECHT



## Por aqueles dias...

Nunca se deve enganar um leitor. Os leitores são criaturas respeitáveis. Deve-se ser leal. Transparente. Enfim, mais ou menos transparente.

Por aqueles dias já a revolução andava por ali. É certo que ninguém a via, assim a olho nu, mas que ela andava por ali, lá isso, andava. Trepava pelas calças das raparigas que tinham prescindido da saia, mostrava-se nos cigarros que elas levavam aos lábios mais ou menos em gesto de provocação e em sinal de modernidade, escutava-se nas canções do Zeca cantadas num unísono quase feroz e comovido, nos cabelos dos rapazes, excepto dos que iam para a tropa e eram tosquiados que nem ovelhas. Sentia-se nos casamentos pelo civil, com a abolição dos vestidos de noiva e dos fatinhos domingueiros dos noivos. Pressentia-se claramente na cristação que o pessoal ostentava. A guerra, a maldita guerra colonial, a dar cabo de tudo, a esfrangalhar famílias, a tesourar carreiras e a cortar cursos às postas, a fazer medo às mulheres que recordavam, quando os viam partir mancebos, nascimentos difíceis, partos em casa, dores que doíam agora como um segundo parto sem a libertação com que o primeiro se desfechava. Partos revertidos.

A revolução morava já no cansaço que toda a gente tinha desta treta, desta ditadura merdosa, deste beco sem saída, asfixiante, deste destino cornudo, da chica-espertice colonial, quando será que isto acaba.

No amor, então, é melhor nem falar. A virgindade perdeu valor no mercado da decência. A juventude começou a ir para a cama e a



apostatar sacramentos. Encontrava-se em fins-de-semana, em festas de garagem que apodava de convívios. Dançava apertadinha, entregando-se.

A revolução passeava-se pelas cidades mais citadinas, acariciando as barbas que os homens tinham deixado crescer, deslizava nas violas dedilhadas no cair da tarde, entoava baladas com palavras inócuas na aparência, mas cheias de um segundo sentido de pública conspiração.

Estas mutações inequívocas eram depois contraditadas pela televisão a preto e branco que transmitia os embarques das tropas nos cais do regime. Muito lenço branco nas mãos das mulheres a fazer adeus, adeus até ao meu regresso. Na rádio soava Angola é nossa, viva Angola, a verdade é só uma, Rádio Moscovo não fala verdade.

Tempos estranhos, aqueles. Tudo tão periclitante e, no entanto, que aparência tão sólida. Lábil, a ditadura mesclava uma negligência tacanha, não enfrentado as mudanças que medravam por toda a parte, com a soberba dos que estão a cair e se julgam eternos. Não havia nada de autêntico. O que verdadeiramente havia era sempre um rascunho de qualquer coisa.

Aquela bonança parda estava mesmo a pedi-las. Era uma bonança histórica. Uma coisa metida à força cá dentro. Deliberada. Postiça.



Saiu de casa e foi ao café fazer um telefonema. Que não podia ir. Para a semana encontravam-se. Ficava marcado.

Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si, leu. Com certeza, pensou.

O Bairro da Conceição àquela hora já sossegava. A mãe tinha-lhe dito, não demores muito que o pai hoje quer deitar-se cedo. Nem vai ver o *Columbo*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Série televisiva.

Quando estava em Setúbal, ajudava sempre a mãe a deitar o pai. A deita. A difícil deita. Era assim que o pai chamava à penosa operação de ida para a cama. Nesses dias a Encarnação saía mais cedo.

À força daquela imobilidade que uns joelhos incapazes causavam, o homem só andava de cadeira de rodas e tinha perdido força no resto dos músculos que, atrofiados, doíam e mordiam que nem cães.

A Encarnação era uma instituição, ou melhor, um verdadeiro instituto de artes múltiplas. Deitava, levantava, lavava, vestia, despia e calçava.

Os joelhos. Os joelhos do pai, ou melhor, um pai sem joelhos.

Meniscos, ligamentos, tinham ido à vida, tal a brutalidade com que tinham sido tratados. As rótulas ou patelas, todas fodidas, recusavam-se a cumprir a sua função. Inerte, o homem tinha ficado assim, sem préstimo.



Depois do telefonema olhou para trás. Vou deixar de cá vir, tinha dito ao dono do café. O homem encolheu os ombros. O que queres que eu faça. Não o posso pôr na rua. Ao canto, uma figura que parecia inofensiva lia o jornal. A PIDE era assim. Estava por toda a parte.

A mãe dizia para quem a quisesse ouvir que a Encarnação era da família. Da família. Sim, senhora. O tanas, o tanas de Albernoa, é que era da família. Então por que é que se falava em voz baixa de vez em quando, para que ela nada ouvisse? Então por que é que não comia com eles na mesa da sala de jantar. Então por que é que a tratavam por tu e ela tinha de dobrar a língua. Então por que é que usava avental de manhã à noite, como se fosse uma farda, avental que era diferente em dias de festa...

É certo que Encarnação teria algum poder naquela casa. Quando soube que o curso escolhido por Toninho era Economia pintou a manta. Médico. Médico como o *Dr. Kildare*<sup>1</sup>. Queria um médico. Ainda se fosse

---

<sup>1</sup> Série televisiva dos anos de 1960.

para advogado é como quem diz... Agora economia... Que raio seria aquilo?

António olhava para ela e tentava explicar-lhe as suas razões. Debalde. Remoía, remoía, com o pai naquele estado e não quer ser médico...

Foi exactamente o pai que acabou com os remoques maldosos. Economia é um curso de futuro. Ponto final. Quando Joaquim, do alto da sua cadeira de rodas, dizia ponto final, era mesmo ponto final. Parágrafo. Passava-se à questão seguinte.